

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: experiências vividas na rede municipal de Palmas Tocantins

Maria Santana Ferreira dos Santos

Universidade Federal do Tocantins, msfsantos@uft.edu.br

Resumo

A temática de gênero e sexualidade, apesar de ser muito interessante e de extrema importância em ser inserida nos currículos da educação, ainda gera medos, tabus e preconceitos. Neste sentido, a formação docente é fundamental para que outras práticas sejam realizadas no cotidiano da escola. Desconstruir formas de aprender/ensinar e construir possibilidades metodológicas para temática de gênero e da educação para a sexualidade é um dos objetivos do curso de aperfeiçoamento “Sexualidade e Escola: Discutindo a Diversidade sexual, o enfrentamento ao Sexismo e a Homofobia”, destinado a professoras/es da Educação Infantil e Ensino Fundamental do Município de Palmas - TO, por meio da parceria de duas Universidades Públicas Federais (FURG E UFT). Portanto, é possível compreender que a escola é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças.

Palavras chave: curso. sexualidade. gênero. identidades

Introdução

Este trabalho surge da necessidade de trabalhar as temáticas de gênero e diversidade no contexto escolar e da necessidade de promover junto às escolas municipais de Palmas Tocantins, algumas discussões referentes ao enfrentamento, de todas as formas de discriminação, no sentido da constituição de uma cultura dos direitos humanos.

A intencionalidade é preencher uma das lacunas existentes na educação tocantinense, uma vez que esta temática ainda é incipiente nas escolas do Estado. Que essas discussões possam promover um espaço social e cultural no âmbito escolar, onde as diferentes identidades se encontrem, constituam e produzam afinidades que sejam respeitadas pelo coletivo.

A existência das dicotomias de gênero masculino e feminino em nossa sociedade, principalmente no âmbito discursivo, não é algo difícil de ser observado. Entretanto, o que muitas vezes parece prevalecer é a ideia de que a divisão entre o feminino e o masculino seria algo natural como se já fosse pré- determinado. No

entanto, desacomodando o nosso pensamento, torna-se possível compreender que estas noções foram construídas historicamente e aprendidas nas relações entre os sujeitos.

A sociedade brasileira, especialmente nas últimas décadas, vem discutindo e questionando valores, normas, conceitos e preconceitos relacionados à vivência da sexualidade humana, numa perspectiva de vislumbrar possibilidades de superação das desigualdades de direitos nesse campo. Desse modo, reivindicam-se políticas públicas afirmativas no sentido do enfrentamento de preconceitos e discriminações em virtude da orientação sexual e identidade de gênero, especificamente como esses orientadores têm elaborado nos fóruns nacionais e internacionais onde se reúnem saberes e fazeres da academia, dos governos e dos movimentos sociais.

A escola encontra-se aqui como um importante cenário de análise da reprodução destas dicotomias, uma vez que nela a constituição dos sujeitos, segue atravessada pelas relações de gênero e pelas constantes disputas de poder.

A temática da sexualidade está presente nos meios de comunicação, nas discussões sociais, nas músicas, nos filmes e nas relações familiares. Trata-se de um discurso aberto e subliminar que encerra elementos autoritários e estereotipados, revelando concepções errôneas, que vão permear a educação da criança, dos pais e dos educadores.

Abordar a questão da sexualidade no campo do desenvolvimento quase sempre leva a se focar nos aspectos negativos da sexualidade tais como doenças, violência e abuso. Sem dúvida, é de grande importância atentar para estes aspectos maléficos e negativo sexualidade, a exemplo da violência.

Desde os primórdios, a categoria de gênero era apresentada com uma diferença rígida. A trajetória feminina resumia-se ao desempenho dos papéis da filha, dona de casa, mãe, filha, submissa, sem vez nem voz, sem espaço para sonhar com a realidade profissional.

Já a trajetória masculina pressupunha para os meninos brinquedos criativos, independentes, competitivos, porém tirava-lhes a possibilidade de expressar emoções como chorar e sentir.

Nesse sentido, os estudos das relações sociais de sexo/gênero permitem a apreensão das diferenciações hierarquizadas na relação entre mulheres e homens, que se estabelecem no processo produtivo; possibilitam o desvelamento de uma construção histórico-social do ser mulher, do ser homem. Uma construção que estabelece relações de poder, inscritas sobre corpos sexualizados, forjadas

objetivamente por múltiplas instâncias sociais, e que se subjetivam através de mecanismos de socialização. A desigualdade instituída a partir de diferenças naturais que não a justificam, transversalmente perpassa todos os espaços da vida humana, do reprodutivo ao produtivo.

Portanto, o ser menino ou menina é transmitido às crianças desde o nascimento pela educação informal que estabelece as características da categoria, as quais deverão pertencer de tal forma que cria a estereotipia do gênero. O significado implícito na categoria deverá ser construído ou simplesmente aprendido com o tempo.

Nesse contexto, trazemos a baila das reflexões esse ensaio que é decorrente de um Projeto de Extensão realizado no município de Palmas - Tocantins, com um grupo de professoras/es e equipe gestora das escolas e da Secretaria Municipal de Educação.

A organização metodológica desse curso de aperfeiçoamento foi disposta por meio de encontros presenciais e a distância, que trabalharam nas temáticas de gênero, corpos, sexualidade e homofobia, ofertados pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola da FURG – Rio Grande e o grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Tecnologias Educacionais – GEPCUTE da Universidade Federal do Tocantins - UFT-Campus de Arraias – TO. É uma parceria entre as Universidades acima citadas e a Secretaria Municipal de Educação de Palmas.

Metodologia

O curso foi constituído de uma carga horária de 80 horas, com momentos diferentes envolvendo palestras, minicursos e atividades à distância, sendo assim distribuídos:

- **Palestras:** 30 horas, ministradas pelos professores do Programa envolvendo todas/os as/os cursistas a fim de discutir as temáticas do curso.
- **Mini-cursos:** 30 horas, as quais as/os cursistas foram divididos em dois grupos, de acordo com suas áreas de atuação: Educação infantil e anos iniciais do Ensino fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Equipe Diretiva (SEMED e Escolas) para trabalharem oficinas dentro das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.
- **Atividades à distância:** 20 horas que foram desenvolvidas em Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA - Sexualidade na Plataforma Moodle/FURG, onde foram

programadas atividades interativas educacionais, as quais deveriam ser respondidas e publicadas no ambiente.

Ao final do curso, as/os participantes apresentaram um portfólio reflexivo com o objetivo de visualizar e partilhar os registros, ao mesmo tempo evidenciar a natureza reflexiva, colaborativa e interpessoal dos processos de construção do conhecimento desenvolvidos entre cursista x orientador, cursista x alunos e, também, entre cursista x cursista. Portanto, realizar uma construção continuada dos próprios conhecimentos e experiências pedagógicas.

O desenho pedagógico do curso fundamentou-se em teorias dos Estudos Culturais e Feministas numa perspectiva pós-estruturalista e utilizou dos conhecimentos dos seguintes autores: Guacira Louro, Dagmar Meyer, Nádia Geisa Souza, Paula Ribeiro, Joan Scott, Deborah Britzman, Jeffrey Weeks, Tomas Tadeu da Silva, Fernando Seffner, Michel Foucault, Alfredo Veiga-Neto, entre outros.

Os pressupostos teóricos mostram que o conceito de gênero surgiu para contrapor à ideia de uma essência (masculina ou feminina), natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação histórica, linguística e socialmente determinada. Portanto, a constituição de cada pessoa deve ser pensada como um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida em diferentes espaços e tempos (FELIPE, 1999). Além disso, o conceito de gênero está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos ao ser mulher ou ao ser homem em diferentes sociedades e épocas. Homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instâncias sociais, em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, também estão imbricadas na construção das relações de gênero (LOURO, 2000; 1999).

A investidora nessas discussões busca assinalar sobre a importância de se pensar em políticas públicas para a formação de professores da Educação Básica, pois se sabe que no contexto da literatura e de referenciais, a discussão ainda é tímida quando se trata da categoria de gênero e diversidade sexual, tanto na legislação educacional brasileira quanto na formação inicial das licenciaturas.

Nesse sentido, trazemos nesse texto, algumas reflexões apresentadas nos portfólios reflexivos, referentes às vivências e experiências dos/das cursistas durante o processo de realização do curso. Assim, os conhecimentos prévios e adquiridos por eles sobre as categorias de gênero e sexualidade, alcançam um conhecimento novo, nesse

caso, voltado à desconstrução de verdades e normas uníssonas que alimentam desigualdades e preconceitos.

Resultados

Os portfólios: Vivências e experiências dos participantes

Ao ler as narrativas nos portfólios reflexivos os cursistas descrevem sobre a importância de espaços que possibilitaram a el@s repensarem suas práticas pedagógicas, daí a necessidade de relembrar uma citação de Foucault (2002, p. 22) onde o mesmo diz “[...] na vida e no trabalho o mais importante é converter-se em algo que não se era no início”. Essa citação traz o pensar sobre a necessidade de se criar espaços na formação de profissionais da educação que possibilitem reflexões que ninguém é sempre o/a mesmo/a, não se é sempre igual e, neste sentido, as práticas sociais e pedagógicas precisam ser revistas, questionadas, desestabilizadas para que outras formas de agir e pensar emergjam.

As atividades dos portfólios revelaram que a escola, enquanto espaço de reflexão dos acontecimentos, precisa construir identidades de gênero para os tempos em que vivemos, calcadas no princípio de que os corpos são significados na e pela cultura, e por ela continuamente ressignificados. As identidades, por seu caráter relacional e múltiplo, (pois se relacionam em variadas combinações de identidades de gênero, raça, classe, sexualidade, religião, nacionalidade, etc.) constituem e são constituídas por redes de poder. Isto é, se as identidades são construídas (embora as hierarquizações historicamente constatáveis) todos os indivíduos em algum momento, em lugar, em alguma circunstância, em “circulando nas malhas do poder”, de acordo com Foucault (1999), estão em posição não só de sofrer a sua ação, mas também de exercê-lo.

Vejamos alguns relatos escritos nos portfólios.

Importância do curso para as/os cursistas

Um dado revelador nas fichas de inscrição é que a grande maioria das/dos cursistas (90%), não trabalha essas temáticas na escola e quando abordam, principalmente a temática: sexualidade e corpo, o fazem apenas na perspectiva biologicista. Ainda levam

profissionais da saúde para debater sobre os assuntos relacionados à sexualidade. No entanto, a sua grande maioria, relatou no portfólio, que o curso é de suma importância para eficiência da prática pedagógica e para gestão de sala de aula, mas também um grande desafio como mostra os relatos abaixo:

Essas palestras e oficinas tornam-se indispensáveis ao educador, tendo grande importância, pois muitas vezes enfrentamos situações que de imediato não vemos soluções para os problemas enfrentados na sala de aula, principalmente na educação infantil, que raramente se discute sexualidade dentro da escola. (professor 1, 2012).

Foi muito legal descobrir que para falar de sexualidade com nossos adolescentes precisamos ter bastante embasamento e desenvoltura. Estudar sobre identidades sexuais, gênero e corpos foi muito válido como educadora, abriu-se um leque de possibilidade. (professor 2, 2012).

Esse curso foi muito proveitoso, pois trouxe informações da qual não tinha conhecimentos. As trocas de experiências e as oficinas também foram também muito ricas para nossa aprendizagem no cotidiano escolar. (professor 3, 2012).

Discutir temas relacionados à sexualidade traz a tona os diversos olhares sobre o tema. Foi muito proveitoso aprender e trocar ideias sobre os mesmos. Visualizar preconceitos e desmistificá-los, trazer à tona a fragilidade dos biótipos e ideários quanto a realidade de sexo, gênero e sexualidade (professor 4, 2012).

Atualmente, esse tema tem sido bastante discutido nas escolas, porém, existe um grande desafio pela frente. Para que esse assunto seja abordado da maneira correta (sic), é necessário que haja **constantemente um trabalho de capacitação com os profissionais da educação**. As escolas têm mesmo que investir em cursos de capacitação, porque este tema é muito difícil de ser trabalhado com crianças menores. Muitas vezes, o professor/a finge não ter ouvido algo sobre a sexualidade, devido ao medo e à falta de preparo para se abordar um tema tão complexo [grifos nossos] (professor 5, 2012).

Desde o momento em que soube deste curso, me interessei e busquei participar da discussão dessa temática, pois além de ser uma profissional da educação, esse assunto deve ser discutido e visto por toda sociedade como algo que merece atenção especial, novo olhar e postura (professor 6, 2012).

Os relatos mostram que os cursistas consideraram as palestras, as oficinas bastante oportunas e ricas, trouxeram conhecimentos, evidenciaram os preconceitos e a necessidade de desmistificá-los. No entanto, não mencionaram conceitos e categorias trabalhadas de maneira mais livre dos dogmas apreendidos e naturalizados pela sociedade.

Leitura da temática de gênero nas relações e brincadeiras das crianças

Numa das atividades solicitadas aos/as cursistas da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental foi proposto que deveriam tirar fotografias dos alunos, de brinquedos, brincadeiras, roupas e calçado utilizado por meninos e meninas, na escola, no horário do recreio e na educação física. A partir dessas imagens, as/os cursistas deveriam refletir acerca de questões como:

- Quem determina os tipos de brincadeiras para meninos e meninas? Já que nascemos sabendo quem brinca de quê e com quê?
- Nessas brincadeiras, como os corpos das crianças são representados?
- Meninos e meninas podem compartilhar brinquedos e brincadeiras?
- Será que a distinção e ou separação das atividades infantis pode ser geradora de preconceitos?
- Os brinquedos, as brincadeiras, as roupas, os acessórios, são capazes de nos constituir e nos ensinar a ser homem e a ser mulher?

Vejamos os relatos abaixo:

Percebemos que para os pequenos da turma de berçário ao maternal não há diferença entre brinquedo de meninas e de meninos. Na hora do jogo simbólico, todos brincam daquilo que tem vontade de brincar. Mas na pré-escola é que aparece uma divisão de brinquedos e brincadeiras por parte das crianças. Aparecem também as brincadeiras do tipo: fulaninho gosta de boneca, então ele é mulherzinha! (Professor 1, 2012).

As crianças brincavam no pátio, os meninos de correr, e as meninas de bonecas e de pular cordas. (Professor 2, 2012).

As crianças na educação física, meninos jogavam bola enquanto algumas meninas observavam, e outras pulavam corda. OBS: as meninas dizem que não joga bola porque os pais não deixam, e outras dizem que os meninos são mais rápidos e iria machucá-las (Professor 3, 2012).

As crianças brincavam na quadra, meninos e meninas jogavam queimados, alguns estavam dispersos, correndo ou pulando corda, mais em sua maioria compartilhavam da brincadeira de jogar queimada (Professor 4, 2012).

Bom, ao ver pelas vestimentas, meninos e meninas sempre optam por suas cores prediletas: azul, cinza e verde para os meninos, e vermelho, rosa e lilás para as meninas, às vezes gostam de outras cores e de estampas, de seus super-heróis, sapatos, sandálias e acessórios também de super-heróis, exemplo, (Barbie e Ben dez, e entre outros influenciados pelas mídias) (Professor 5, 2012).

Percebe-se nos depoimentos, que as formas de comportamento escolhidas por nossas crianças e jovens são as formas de comportamentos escolhidos por nossa sociedade e que são transmitidas por meio da educação. Estas, por sua vez, refletem a ideologia que a domina, têm muito pouco de universais e de inerentes ao ser humano e são, portanto, modificáveis. A escola não é a única responsável pela transmissão de modelos segregacionistas, mas tem papel importante nesta transmissão.

Corpos, gênero e sexualidades nos artefatos culturais.

Artefatos culturais são várias produções – peças publicitárias, músicas, comunidades da internet, videoclipes, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos, entre outras – que são resultados de processos de construção cultural. A análise cultural consiste em mostrarmos que no mundo cultural e social, estes artefatos, são naturalizados, ou seja, sua origem social é esquecida. A tarefa da análise consiste em desconstruir esse processo de naturalização e mostrar as origens dessa invenção.

Os artefatos culturais são todas as produções feitas pelo homem para transmitir e construir uma dada cultura. Eles são elementos repletos de significações culturais, pois reproduzem a cultura de uma sociedade e as transformam ditando os seus modos de vida. Podemos considerar que os artefatos culturais são todas e as mais variadas produções, tais como: peças publicitárias, músicas, comunidades da internet, videoclipes, charges, revistas, jornais, filmes, programas televisivos e radiofônicos, entre outras e que são resultados de processos de construção cultural.

Pensando com Monteiro (2001, p.31), ele afirma que: “Se as imagens vêm com os olhos que as vêem, vemos o que pensamos”. Então, o que vemos são representações culturais que estão imbricadas no nosso agir, no nosso vestir e em como nos devemos nos comportar.

Nesse sentido o conceito de Jodelet (2001, p.22), sobre representação vem confirmar a afirmação acima. A autora diz que representação é um processo de identificação de um público, ou seja, tudo aquilo que está em busca de padrões a serem seguidos, como comportamentos, vestimentas, as artes, as tecnologias e etc. Ou seja, é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Então, estas representações e significações sociais estão totalmente embutidas no que chamamos de artefatos culturais, que contribuem significativamente para a educação como um todo, pois através deles podemos abordar os mais diversos conteúdos das mais diversas disciplinas e também os temas que emergem na nossa sociedade, como por exemplo, os temas transversais presente em nossos currículos escolares.

Para tanto, mesmo com os avanços tecnológicos e as variedades de instrumentos que podem ser utilizados a favor do saber e do conhecimento, a educação se vê obrigada a lançar seus olhares para o futuro e dotar-se de recursos e meios necessários para a instrução de gerações vindouras. A escola é uma instituição que tem papel de destaque na produção de representações sobre corpos, gêneros e sexualidades e, nesse sentido, torna-se importante agregar em suas práticas pedagógicas, diferentes artefatos. Estes contêm pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais.

As práticas culturais de produção de significados, ao utilizarem os signos – modelos, objetos, desenhos, sons, símbolos, imagens – modelam os nossos pensamentos, sentimentos, conceitos, em relação ao mundo material, pessoas, coisas, eventos, etc. Os significados, ao serem tornados o “real” nas práticas culturais, constroem as coisas e os valores culturais como “verdadeiros”. (HALL, 1997a; SILVA, 1999b). Dessa perspectiva, é possível pensar as categorias, os conhecimentos, os tipos de pensamento e as ações conforme as quais nomeamos, pensamos e atuamos em relação aos outros e a nós mesmos (SILVA, 1999a). Assim, sujeitos, práticas, conhecimentos podem ser entendidos como efeitos de marcas, inscrições que se processam nas múltiplas experiências de vida.

Nesse sentido, os/as professores/as deveriam trabalhar com filmes, propagandas, músicas, charges, etc., com o objetivo de promover um debate na escola a respeito das temáticas: gênero, sexualidades e corpos, como mostram os relatos abaixo:

Experiência 1 - Assistiu ao filme: “A Bela e a Fera”.

Após a apresentação do filme foi realizado um debate com as crianças instigando-as a refletir sobre o conceito de beleza. Falei sobre a importância de pensarmos que o mais importante são os sentimentos e amizade e não a beleza física. Ressaltei que na verdade todas as pessoas são bonitas, cada uma com sua diferença. Após a roda de conversa as crianças fizeram um lindo cartaz coletivo, cada uma contribuindo com desenhos relativos ao filme e às discussões (Professor 1, 2012).

Experiência 2 - Análise de um anúncio publicitário (propaganda de cerveja).

Esta atividade foi muito boa, fiquei mais crítica e observadora. Percebo que o gênero masculino na maioria das vezes é mais valorizado e que quando utiliza a mulher num anúncio, na maioria das vezes esta é usada como artifício sexual (Professor 2, 2012).

Imagem 1- Propaganda de cerveja



Fonte: retirada pela autora do site <http://arquivo.geledes.org.br>

Experiência 3 - Analisar a propaganda de desodorante nas revistas “Quatro Rodas, Veja e Boa Forma”.

Na revista Quatro Rodas essa propaganda mostra a figura masculina, trabalhando em preto e branco, mostrando praticidade e eficácia do produto. A revista Boa Forma trouxe a propaganda de desodorante na sua apresentação em colorido, sendo apresentado pela figura feminina, onde mostra em primeiro plano o benefício estético de usar o produto.

A análise foi interessante, pois observamos como a sociedade vê o papel masculino e o feminino. A mulher é vista como vaidosa, fútil, faladeira, enquanto os homens são tidos como intelectuais e trabalhadores. Nós, que estamos na escola, temos papel fundamental nessa transformação, pois devemos levar essa discussão aos alunos, refletindo sobre os papéis dos gêneros desenvolvidos dentro da sociedade (Professor 3, 2012).

A educação, conforme aponta Ruth Sabat (2010) compreendida de maneira ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função com/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Grande parte desses artefatos educativos está inserida na área cultural como, por exemplo, televisão, cinema, revistas, livros ou histórias em quadrinhos. De qualquer forma, são revestidos de características “inocentes” como prazer e diversão, que também educam e produzem conhecimento. Esses artefatos contêm pedagogias

culturais, e formas de ensinar através das quais significados sociais são construídos e reproduzidos.

A autora reforça ainda que, nos filmes infantis, “é possível observar, por exemplo, a repetição permanente de comportamentos considerados adequados aos diferentes gêneros”(SABAT, 2008, p. 96). Destaca que existe um processo permanente de construção das identidades, vinculadas aos “mecanismos de conduta socialmente adequados” e que a identidade não é formatada de uma só vez, sendo necessário um processo de repetição contínua, que vai ensinando a ser menino e menina. (p.98-99).

Gênero e sexualidade, assim como o corpo, parecem simplesmente terem sido colocados no currículo escolar, como uma inscrição para determinada anatomia ou em uma interioridade psicológica inata, com uma identidade trazida da herança. Portanto, As “marcas ou inclinações”, tidas como inatas e naturais, são “marcas construídas ou formatadas” pelo meio social. As crianças, nas práticas escolares, encontram-se envoltas em redes de vigilância, controle e repressão (LOURO, 1999). Os filmes obedecem à lógica narrativa clássica que contém conflitos, romances com final feliz e estabelece diferenças entre ser masculino e feminino.

As práticas nos Projetos de Intervenção

Os professores deveriam elaborar e executar um projeto de intervenção, com o objetivo de possibilitar a discussão das questões relacionadas a corpos, gêneros e sexualidade no currículo escolar. De suas ações podemos registrar os seguintes relatos:

Ação 1 – sexualidade e escola: nossas dúvidas.

Foi realizado com alunos do 7º ao 9º ano, um ciclo de palestras sobre sexualidade, corpos, gravidez na adolescência, DST/AIDS, virgindade, uso de preservativo, homossexualidade, bissexualidade, e no final da palestra os mesmos deveriam tirar suas dúvidas. Nesse primeiro momento com os profissionais da saúde. Num segundo momento foi realizada em sala de aula a avaliação do projeto e continuou a tirar as dúvidas daqueles alunos que não conseguiram perguntar nas palestras. Surgiram perguntas que até a professora de ciências disse ter ficado com receio de responder.

Alguns exemplos de perguntas que foram debatidas e respondidas.

- a bissexualidade é uma fase que supera?
- é verdade que quando uma pessoa perde a virgindade ela nunca mais para de praticar sexo?
- dizem que uma mulher sente mais prazer fazendo sexo com outra mulher do que com homem, por quê?
- para que serve a pílula do dia seguinte?
- às vezes eu me sinto como uma menina, o que faço?

(Professor 1, , 2012).

Ação 2 – A história de João e Maria.

Foram confeccionados (2) dois bonecos - João e Maria e um baú. Cada criança levou os bonecos dentro do baú para casa, sendo que tod@s participaram da atividade. Essa perdurou durante vinte e cinco dias. Retornando para sala de aula, foi feita uma roda da conversa e utilizando o quadro negro, colocamos os nomes dos órgãos sexual feminino e masculino para conhecimento dos alunos. Os meninos relataram que Eles (os meninos) têm: “Bilau”, “Piu Piu”, “Rola”, “Biroca”, “Pau”, “Saco”, “Pinto”. As meninas relataram que Elas(as meninas) têm: “Xoxota”, “Priquito”, “Xana”, “Florzinha”, “Tesouro”, “Chichito”. À medida que ia escrevendo os nomes de cada órgão sexual, as crianças sorriam. Percebi que algumas ficavam com vergonha e outros sorriam, às vezes, até mesmo por não saberem o significado das palavras. A partir da vivência das crianças, esclareci sobre os nomes usados na língua padrão dos órgãos masculinos e femininos. (Pênis e Vagina). Perguntei se já tinham ouvido esses nomes e disseram que sim. No entanto, achavam esses nomes (pênis e vagina) mais feios do que os outros que já conheciam. A maioria das crianças relatou ainda que tanto os meninos quanto as meninas, podem ter medo. No entanto as meninas são as mais medrosas, porém na historinha Maria foi mais corajosa que João, pois teve uma ideia que ajudou salvá-lo da Bruxa. Todas as crianças escreveram que tanto o homem quanto a mulher podem trabalhar fora. Sendo uma das crianças, se a mulher (mãe / madrasta) trabalhasse fora, também não só o pai (lenhador) talvez eles não tivessem passado fome (Professor 2, 2012).

Ação 3 – Caixinha de curiosidade. Os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental deveriam fazer perguntas sobre o que tinham vontade de saber, mas não tinham coragem de perguntar a alguém e colocar numa caixa para que fossem respondidas pela professora. Muitas perguntas vieram à tona: Como é que nasce um bebê? O que é transar? Porque os homens e as mulheres ficam nus na televisão? Como é que nasce um bebê? Como é que beija na boca? Por que o veado rebola? O que é gay? E sapatão? Quando eu crescer eu não quero ser rapariga. O que é rapariga, meu pai fica chamando a minha mãe de rapariga e ela chora (professor 3, 2012).

As ações revelaram que a temática das relações de gênero e sexualidades desperta muito interesse n@s educadoras e educadores, porém, ao mesmo tempo, gera inseguranças, medos, trazem a tona ‘tabus’ e preconceitos. A formação pessoal permeia a prática docente e, muitas vezes, traz muitos obstáculos a serem ultrapassados quando se pretende trabalhar em uma perspectiva da educação para a sexualidade, que rompa com o discurso da naturalização, por meio de explicações biológicas, essencialistas e dicotômicas.

Diante disso, Louro (2010) enfatiza que nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com as ideias de provisoriade, precariedade, incerteza

recorrentes nos discursos contemporâneos. Preferimos contar com referências seguras, direções claras, metas sólidas e inequívocas.

Portanto, afirmamos que são os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e que os meninos sejam de outro. Mas até onde irão esses costumes, esses hábitos construídos culturalmente? Será que nossa sociedade vem se transformando em relação a tais conceitos? O que esses meninos e meninas estão nos mostrando?

Considerações Finais

Esses relatos nos ajudam a enxergar a possibilidade de puxar novos fios para tecer nosso campo de discussão nas temáticas ora abordadas, ou seja, uma forma mais integrada a outros espaços de formação, como a escola. Se a política pública nos acena com a possibilidade de recursos para realizarmos projetos, continuarmos nossas pesquisas, também nos abre janelas de possibilidades para ensinar e aprender, num espaço de resistência aos jogos de poder e verdade, cujas malhas tentamos desfazer. Entende-se que, estamos no início de tudo, mas, como diz Cecília Meireles, em seu poema gargalhada: “é preciso jogar por escadas de mármore baixelas de ouro. Rebentar colares, partir espelhos, quebrar cristais, vergar a lâmina das espadas e despedaçar estátuas, [...]”.

É necessário desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto os brinquedos e brincadeiras estiverem sendo associados a significados masculinos e femininos, que hierarquizam coisas e pessoas, apresentando a meninos e meninas significados excludentes.

Apesar de estas questões estarem implícitas no dia-a-dia da escola, permeadas nas práticas pedagógicas, ainda está longe das discussões nos cursos de formação do professor, pois, pouco se discute as questões de gênero no âmbito de reuniões pedagógicas. Por essa razão deve-se perguntar o porquê desta ausência, o que significa não discutir as questões de gênero e o que implica a não discussão.

O primeiro passo é reconhecer que a escola não está neutra, ela participa sutilmente da construção da identidade de gênero e de forma desigual. E essa construção inicia-se desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da educação infantil. No entanto, como diz Fernando Sabino: “de tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos começando, a certeza de que é preciso continuar, a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar”.

Desse modo, discutir as questões de gênero na educação, significa discutir relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Significa questionar conceitos pré-concebidos, determinações que sutilmente permeiam nossas práticas. Discutir as relações de gênero é, antes de tudo, remexer e re-significar nossa própria história.

Torna-se evidente que nas variadas sociedades, o ser menino, ou menina, é transmitido às crianças desde o nascimento pelas práticas culturais estabelecidas num primeiro momento pela família e depois pelas diferentes instâncias sociais como a escola, a igreja, a mídia. Instituem-se aí, as estereotípias de gênero, reveladoras do tipo de sociedade e cultura em que os sujeitos são inseridos. Meninos são fortes, jogam bola, e usam roupa azul. Meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, usam roupa rosa, por exemplo.

Portanto, percebemos a importância de se discutir as temáticas de corpo, gênero e sexualidade, bem como as alternativas metodológicas de ensino como também os recursos tecnológicos para trabalhar com Gênero e Diversidade na escola e na sociedade em geral. Atualmente, esses temas têm sido bem visto e bastante discutido nas escolas, mas, porém existem ainda muitos tabus sobre tais questões, mas sabemos também que o conhecimento é quem nos liberta, então existe ainda um grande desafio pela frente. Para que esses assuntos sejam abordados da maneira correta, é necessário que haja constantemente um trabalho de capacitação com os profissionais da educação e com os graduandos, futuros educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: Pedagogias Culturais em circulação. In: SILVA, L. H.(org.). **Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1999.

HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. (org) **Representation: cultural representation and signifying practices**. London/Thousand Osks/new Delhi:Sage/Open University, 1997a.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: D. Jodelet. (Ed). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 17-44.

LOURO, Guacira, Lopes, Jane Filipe, Silvana Goellner (Orgs). **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petropolis, RJ: Vozes, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto Editora LTDA, 2000.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **O sujeito da Educação: estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes. Aprendendo a ver: as escolas da/na **escola**. In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs.). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RIBEIRO, Paula Regina Costa e SOUZA, Diogo O. Discutindo e refletindo sexualidade- AIDS com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.13, n.2, 2002. p. 211-227.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para o consumo. In: LOURO, Guacira, Lopes, Jane Filipe, Silvana Goellner (Orgs). **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, D., SOARES, R. (Org). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias dos currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.

_____. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.